

"Sobre a situação actual do movimento associativo e as tarefas que se lhe põem para a construção da organização federativa nacional dos estudantes portugueses"

Não será preciso, no ponto em que nos encontramos tornar a enunciar as razões que ~~tem~~ desde há muito absolutamente imprescindível darem-se os passos necessários para construir aquilo que se convencionou chamar a UNEP.

Lembramos só que a urgência da sua resolução para o desenvolvimento do movimento estudantil a níveis superiores e o próprio interesse óbvio do partido na utilização de uma estrutura desse tipo no sentido de uma melhor intervenção na cena da política nacional, aconselham que se acabe com certa indiferença que tem paralisado a tomada de decisões definitivas sobre o assunto.

Discutir o problema da UNEP para em primeiro lugar por analisar a realidade que pisamos. Isto é, sendo a UNEP uma emanção do próprio MA temos que estudar quais as condições objectivas e existentes a este nível que determinarão se ela é viável ou não, e se sim de que forma o será.

Ensino superior: o MA do superior remonta enquanto organização a umas décadas atrás e como uma realidade democrática e anti-fascista a pelo menos ao início da de 50.

Com altos e baixos conseguiu manter-se um baluarte da luta contra a ditadura, sobrevivendo aos vários golpes do regime e servindo de exemplo e incentivo para novos sectores se lançarem

Após 25 de Abril o ME obteve conquistas importantes mas observou-se uma relativa estagnação do MA, situação essa que veio a evoluir positivamente sobretudo no decorrer do ano lectivo passado.

Pesem as falhas que não são poucas, o MA do superior caracteriza-se hoje por uma capacidade já testada de mobilização dos estudantes em certos períodos mesmo de grandes massas, existe como realidade organizada na esmagadora maioria das faculdades e institutos observando-se o aparecimento de organismos pró-associativos nas poucas escolas que escaparam à regra.

Dentro das debilidades que lhe tolhem os passos temos que apontar três principais.

O cupulismo da sua orgânica e da sua prática, que combatido se mantém ainda, ao desprezar a organização associativa de base, dificulta e por vezes corta as ligações entre a cabeça dirigente e a larga massa.

A deficiente politização da vida e da massa associativa com a consequente mais fácil penetração de idéias oportunistas, sejam revisas ou outras.

A falta de coesão e coordenação a nível nacional já que a nível regional está no fundamental assegurada ou, pelo menos, existem os mecanismos para o garantir.

É esta terceira debilidade que essencialmente determina a exigência da constituição da UNEP. Esta debilidade existe desde sempre; mas surge agora, ou para ser mais exato, desde o processo de Psicologia/Coimbra, de uma forma mais viva, porque precisamente a experiência recente do movimento tornou isso claro, não só à vanguarda, mas a um largo número de estudantes activos e conscientes que perceberam, pelo caminho percorrido e pelas dificuldades que encontraram que não era possível luta vitoriosa sem unificar as lutas, decorrendo daí a necessidade de uma entidade dirigente nacional. Aliás, seria necessário analisar quais as causas que permitiram que o processo Comorg se esviasse de conteúdo e se paralisasse, porque uma das principais se encontra, sem dúvida, na inexistência de experiência vivida que tivesse sido acumulada pelo movimento, pelo sector avançado dos estudantes.

Em conclusão, a situação objectiva do movimento associa-

tivo no ensino superior não só permite mas exige uma organização federativa nacional.

Ensino secundário: A situação é radicalmente diferente, é qualitativamente diferente. Basta fazer contas, mas as contas não são o essencial.

O problema está em que não existe um verdadeiro movimento associativo dos estudantes do secundário. Não podemos chamar MA a uma realidade triste e gritante de uma maioria de AAEE sucessivamente ganhas pela direita ou pela extrema-direita, de direcções associativas que só vivem do insulto, da agressão e da corrupção e no entanto vivem, impunes de AAEE que não desenvolvem qualquer actividade em prol dos estudantes, constituindo este quadro negro a visão que a maioria do secundário nos oferece. É uma situação que, diferindo das técnicas para os liceus e escolas secundárias, no conjunto é isto mesmo.

Resultado de condições objectivas que não interessa aqui estudar, e de um evidente desprezo e falta de trabalho e actividade por parte dos revolucionários esta situação tem que ser energeticamente alterada, apoiando-nos no que de bom e esperançoso existe. Baseando-nos num sector antifascista significativo, baseando-nos nas aspirações e sentimentos democráticos da massa dos estudantes que a direita espezinha. E, muito principalmente, levantando o MA a partir da realidade existente, da base, pedra por pedra erguendo aquilo que não existe e que não se pode inventar. Atentemos a que nenhuma estrutura regional de direcção, estilo RIAs, existem em algum lado, e, em algumas zonas haverá já condições para isso. Atentemos ainda que as próprias tradições de organização associativa no secundário ou são inexistentes ou muito recentes, exceptuando casos pontuais, como o de Lisboa.

Não podemos apagar, evidentemente, as grandes jornadas que movimentaram o ME do século após o 25 de Abril, ou minimizar a sua importância. Mas não podemos também fazer delas o que não foram isto é, o resultado da mobilização de um MA estruturado, nacional, que as enquadrasse, lhes desse consistência e continuidade. Não o foram, e delas, hoje, resta a experiência adquirida (alguma) e uns restos de lembrança em sectores estudantis. Não deram à massa que hoje vive e estuda no secundário, a experiência que lhes aponta a UNEP como o passo a dar para a defesa dos seus interesses e o avanço da luta. É esta experiência que nós temos que os fazer percorrer.

2. Partindo da necessidade da consolidação do MA federado, e da realidade concreta existente, é preciso definir um plano que, contemplando esta realidade, cumpra os objectivos definidos.

Um plano realista deste tipo, seria o que a seguir descrevemos:

- I. Aprovação pelo MA do superior de um balanço da situação do movimento e do processo Comorg e constatação da necessidade de construir as estruturas de cúpula dos estudantes portugueses, o que significaria declarar reaberto o processo UNEP.
- II. Constituição da Federação dos Estudantes Universitários, ou se não se quiser utilizar este adjectivo restritivo e não se achar que o termo Federação exprime o verdadeiro carácter da organização a constituir, criar a "União Nacional dos Estudantes (ensino superior)", ficando a UNE (ensino secundário) para quando fosse possível.
- III. Apelo do MA do superior a todos os estudantes e estruturas associativas democráticas do secundário para que levantem em bases democráticas um verdadeiro MA do sec. e o orientem no sentido da coordenação de esforços com o do superior, comprometendo-se este a dar todo o seu apoio a este processo.

Vantagens e inconvenientes:

São evidentes - permite dar força nova ao MA do superior, possibilitando dar passos importantes no seu reforço e na sua capacidade de luta e oposição ao governo; permite uma intervenção política do ME muito maior e mais eficaz do que a até agora possível.

Os inconvenientes apontados são: "E os fachos? O que irão eles fazer no secundário, agora por sua conta?". É óbvio que vão gritar que é de divi-sionismo, que é o tradicional desprezo dos "social-fascistas" em relação ao secundário, que vão tentar iniciativas separatistas. Chegarão ao ponto, de conseguir uma UNEP do secundário fantoche? É duvidoso que tenham força para tal, mas, se o tiverem é sol de pouca dura, por duas razões: 1º) não têm organização à altura, porque não têm MA por baixo a segurá-los; 2º) porque

nós vamos trabalhar para os deitar abaixo das DAEs e de qualquer fantochada que inventem. Pode demorar algum tempo, mas é o único caminho seguro. Aliás não se pense que é estando parado ou adiando "a UNEP para o fim do ano", que os impediremos de avançar. A JSD já disse que ia avançar para a UNEP, bluff ou não, não o sabemos, mas temos é que nos antecipar para não nos virmos a poder ser confrontados com um processo UNEP que globalmente nos seja desfavorável. Seria bom também meditarmos nas razões que levam a JSD a fazer tais planos. Talvez seja porque se sentem relativamente seguros, Por outro lado, nestas condições, com os factos a defender a criação da UNEP, onde estará o tal ponto de demarcação com a direita, que, no dizer de alguns camaradas, a defesa da UNEP constituiria no secundário? Poder-se-á também considerar que sendo uma estrutura como a UNEP de uma importancia significativa na situação política, a sua não concretização num curto espaço de tempo seria uma derrota para nós. Há aqui vários pontos a considerar: O unico projecto realista é o apresentado. A UNEP global até ao fim do ano é pura miragem, insistir nesta ideia é manter o MA na estagnação, e, pior que isso, lançar a confusão e desorientação no seu seio. Por outro lado tem que se ver que uma UNE do superior cumprirá no essencial as tarefas que a UNEP geral cumpriria no que toca à intervenção na vida política nacional e na liderança política do ME democrático. Assim o mostra a experiência recente, a antiga do MA do superior, assim o mostram exemplos do estrangeiro, dos quais um dos mais brilhantes é o Brasil.

